

A reconstituição da memória do Holocausto

IEDA GUTFREIND

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP), professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), Porto Alegre.

FRISCHER, Dominique. *Les enfants du silence et de la reconstruction: la Shoah en partage – trois générations, trois pays: France, États-Unis, Israël*. Paris: Bernard Grasset, 2008, 630p.

A AUTORA, EM UMA ALENTADA OBRA DE MAIS DE SEISCENTAS PÁGINAS, UTILIZANDO CATEGORIAS do campo da psicologia, discorre sobre o dever da memória em relação à *Shoá*. Estruturou seu estudo nas repercussões desta tragédia sobre três gerações e em três países, daí o subtítulo de sua obra: *Trois générations, trois pays: France, États-Unis, Israël* (Três gerações, três países: França, Estados Unidos, Israel). Interessou-se pelo tema a partir das indagações de sua neta, ainda menina, que tomou conhecimento, em uma festividade na sua escola, que era judia por parte de mãe e que ocorrera o Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial.

Dominique utilizou o recurso da oralidade, recorrendo a testemunhos, os quais lhe permitiram analisar e concluir sobre comportamentos distintos, em diferentes gerações e países. Simultaneamente, identificou sentimentos um tanto comuns, como por exemplo, a fraca participação *dos* jovens em todas as atividades memoriais e a grande adesão *das* jovens da terceira geração. Outra diferença, entre várias ainda, no caso francês, foi a do não retorno ao espaço geográfico europeu do Holocausto, uma prática comum entre os norte-americanos. Apesar de poucos jovens – homens –, observou uma constante nos três países, qual seja, o engajamento em atividades memoriais na terceira geração.

Analisando o caso da França, avalia que os sobreviventes mantiveram-se em um silêncio prolongado, significando a elaboração de *um luto tardio*, sufocando, por um longo período, os traumas deixados pela *Shoá*. A segunda e a terceira gerações, por sua vez, manifestaram comportamentos díspares, mas proporcionaram à autora algumas conclusões. Em relação a essas gerações posteriores, que chamou de os *herdeiros do silêncio*, identificou que o comportamento que manifestaram em relação à *Shoá* tem sido através do engajamento político e da busca dos recursos no vasto campo da psiquiatria, para aliviar o sofrimento dos traumas herdados. Especificamente na terceira geração, por sua vez bem mais informada, consciente da sua responsabilidade, avaliou que ela sente-se no dever de guardar a memória e de manter-se vigilante para impedir que esta tragédia seja esquecida ou que retornem ideologias como as praticadas durante o nazismo.

Na continuidade da obra, analisando testemunhos de gerações nos EUA, em uma centena de páginas, analisa o caso norte-americano. Neste país, identifica uma outra maneira de viver a judaicidade e uma outra visão do *dever de memória*. O distanciamento do *palco* da tragédia não os teria levado ao longo luto experimentado pelos franceses, permeado de traumas. Diferentemente, os norte-americanos teriam vivido um *luto à distância*,

o que permitiu um engajamento distinto com o *dever da memória*, bem mais ativo. Se assim se pode dizer, com menos dor e mais atitude. Neste caso, o comprometimento com a preservação da memória é demonstrado nas ações concretas, contínuas e intensas que visam honrar a memória das vítimas do Holocausto.

Já seu estudo em relação a Israel, que identificou como viver e/ou ter vivido um *luto instrumentalizado*, relata as dificuldades que teve em localizar os filhos dos sobreviventes e os próprios sobreviventes. Os testemunhos coletados apresentaram um amplo espectro de sentimentos: enquanto uns recusam que a *Sboá* seja o marco fundador da sua identidade judaica, outros valorizam o vivenciar a experiência sofrida pelos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, retornando aos *palcos* da tragédia, em especial à Polônia. Mas, outros tantos criticam estes programas com os jovens. Em Israel, identificou, na terceira geração, depoentes que se filiam à *Sboá*, preservando a memória como uma responsabilidade moral que essa herança implica, e outros que consideram superficial referir-se a ela como judeus ou israelenses. Enfim, a simbiose *Sboá*/Israel aparece dolorosamente conflitiva.

Tema delicado, testemunhos que vêm de horizontes distintos, de épocas e de culturas diferenciadas, terreno fluido e movediço com as variáveis se superpondo: desde filhos de pai e mãe judeus, filhos de apenas um cônjuge judeu... Destas diferenças emergem distintas atitudes em relação ao *dever da memória* e múltiplas modalidades de transmissão do conhecimento do que foi o Holocausto. Elas variam segundo os países e o grau de religiosidade ou de judaicidade das pessoas interrogadas. Na França, onde o sentimento de pertencimento ao povo judeu passa seguidamente pela *Sboá*, esta deve continuar presente. Nos Estados Unidos, onde a terceira geração vive plenamente a sua judai-

cidade, o sentir-se judeu independe da sua ligação com o Holocausto, o que leva a autora a acreditar que o *dever da memória* deve tomar uma dimensão mais universal, mobilizando esta geração contra a ameaça de outros genocídios no mundo. Em Israel, todo este quadro é bem mais complexo, uma vez que, se uma maioria da população considera que a *Sboá* deve servir para reforçar a identidade israelense e o apego à nação, ela não aceita que esta tragédia se torne a pedra angular de sua identidade.

De um modo geral e de maneiras distintas, as gerações que sucedem a dos sobreviventes estão conscientes da sua responsabilidade em preservar a memória, impedindo o esquecimento ou o retorno de acontecimentos como a *Sboá*. Aliás, nos depoimentos, são recorrentes as críticas de como se manifestam os *lugares da memória*, como o Museu do Holocausto, em Washington, ou as visitas aos campos de extermínio.

Dominique finaliza seu estudo colocando a questão: como a quarta geração reagirá, quando o *Holocausto* for parte de um passado já distante? Articulou-a com a sua experiência familiar, colocada inicialmente. A reação da neta, interessando-se por sua condição judaica e pelo Holocausto, permitiu à autora avaliar que o engajamento precoce e o sentimento de pertença a este grupo é que promoverão o interesse em dar continuidade ao *dever da memória* em relação à *Sboá*.

Ao trabalhar com um espaço geográfico amplo, com várias gerações, através da oralidade, recolhendo muitos testemunhos, já se tem indicadores que demonstram o risco no estabelecimento de generalizações. Mas, sem dúvida, *Les enfants du silence et de la reconstruction* é uma obra instigante e de grande significação, não apenas para os judeus.